

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.001



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PAIS EM SEU DEVER DE ENSINAR SOBRE DEUS: DICAS PRÁTICAS – PARTE 2 Parents in their duty to teach about God: practical hints – part 2

Josemar Valdir Modes¹

RESUMO

O artigo expôs três ferramentas de auxílio para os pais na sua tarefa de ensinar sobre Deus a seus filhos. Destaca a necessidade de os pais buscarem os líderes da igreja para conversar sobre a educação dos filhos, de conversarem sobre o conteúdo repassado na igreja como forma de recapitulação e aplicação pessoal e ainda a execução de tarefas diárias para retenção do conteúdo aprendido.

Palavras-chave: Conversar. Crianças. Discipulado. Líderes. Pais. Tarefas.

ABSTRACT

The article presented three tools to help parents in their task of teaching their children about God. It highlights the need of the parents to seek out church leaders to talk about their children's education, to talk about the content taught in church as a way of recapitulating and applying it personally, and also to perform daily tasks to retain the content learned.

Keywords: Talking. Children. Discipleship. Leaders. Parents. Tasks.

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor de crianças na Primeira Igreja Batista Pioneira em Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. ORCID: <https://orcid.org/0001-5094-1173> E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

INTRODUÇÃO

Vida com Deus se aprende em casa! Em outros dois artigos as abordagens mostraram que é dever dos pais ensinar a fé aos seus filhos, o que implica que o ensino religioso é uma abordagem familiar. Também foram apresentadas ferramentas e abordagens para que os pais tivessem condições de compartilhar esta mensagem transformadora em seus lares, impactando a vida de seus filhos.

Neste artigo outras três perspectivas serão apresentadas, as quais visam empoderar os pais para a tarefa de falar sobre Deus e a Sua Palavra. São dimensões simples de serem vivenciadas, aplicáveis a todos os lares, mas que representam um início contundente de pregação aos filhos. O pastoreio e discipulado é tarefa doméstica e cabe aos pais a responsabilidade e o privilégio de fazê-lo.

Mas a pesquisa não busca apenas auxiliar os pais; há o propósito de reorientar a igreja e os ministérios com crianças, a fim de que a comunidade não usurpe e assuma para si uma tarefa além da sua capacidade e que não seja sua responsabilidade. A igreja está no lugar em que está para preparar os santos para a boa obra do ministério. Em outras palavras: a igreja tem a função de preparar os pais para cumprirem o seu ministério de pais e mães, não podendo agir de forma inapropriada, como se a educação espiritual fosse responsabilidade dela. A igreja apenas complementa os ensinamentos e prepara os pais.

Se destacará primeiro, novamente e com outros argumentos, a necessidade de pais e líderes dialogarem. Se de um lado os pais precisam abrir suas casas, cabe por outro lado, a igreja, abrir seus espaços para que os pais participem efetivamente do ensino e estratégias adotados pelos ministérios com crianças.

Ao chegar em casa, o aprendizado precisa continuar. Conversar sobre o que foi passado na igreja, perceber as reações e as ideias fixadas, aproveitando a oportunidade para uma aplicação pessoal constitui-se de uma oportunidade singular que apenas os pais terão. Ao mesmo tempo realizar as tarefas domésticas propostas pelos professores, assim como realizar outras atividades que tenham vínculo e nexos com o aprendizado da igreja, farão com que as crianças relembrem e apliquem o ensino.

Há oportunidades que apenas os pais têm. Se a igreja busca ocupar este espaço, por ter atuação reduzida impactará muito menos do que a família pode impactar; já os pais precisam enxergar o quanto Deus lhes dá a oportunidade de formar o caráter destes pequenos, que poderão se tornar grandes seguidores de Jesus ao aprenderem em casa sobre.

1. A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO COM OS LÍDERES DO MINISTÉRIO INFANTIL

A igreja é, muitas vezes, encarada pelos pais como uma espécie de escola de ensino religioso, sofrendo, portanto, os mesmos dilemas que enfrenta a escola de ensino formal: a baixa ou até mesmo a inexistência da relação entre os pais com os líderes/professores e instituição. Os filhos são deixados na igreja para os *profissionais da fé* ensinarem sobre Deus.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades.²

Na perspectiva atual, de terceirizar a comunicação da religião para a igreja e o ministério com crianças, há a necessidade dos líderes destes ministérios empoderarem as famílias, delegando-lhes de volta a missão de ensinar sobre Deus. O contato entre líderes e pais é de fundamental importância para que este compromisso familiar seja compreendido e que a tarefa seja delegada ao ponto de os pais estarem em condições de ensinar adequadamente. A perspectiva é criar uma equipe de trabalho com as famílias, em que todos juntos buscam os resultados, e a comunicação é o ponto de partida para a formação desta equipe de trabalho. Desse modo, será “possível estreitar a relação com a família e formar uma parceria produtiva”.³

Há aqui a necessidade de discutir um aspecto básico da comunicação, indicando seu ponto de partida. “Resgatando o termo em sua etimologia, a ‘comunicação vem do latim ‘communis’, comum. O que introduz a ideia de *comunhão, comunidade*’ (grifos do autor).⁴ O diálogo entre famílias e responsáveis e os líderes do ministério e a igreja vai além da mera troca de palavras. Precisa-se estabelecer uma comunidade, a vivência em comunhão, caminhar juntos.

A comunhão no que se reporta a igreja, se manifesta em dois sentidos: primeiramente expressa o que os cristãos compartilham ou tem em comum, a saber: o próprio Deus, ou seja, toda a experiência da salvação que é comum a todos os cristãos, não importando como ocorreu; também expressa o que os cristãos compartilham entre si, o que dão e o que recebem dos demais cristãos.⁵ “A verdadeira comunhão é sempre ativa, é co-participar”.⁶ Quando há comunhão verdadeira é porque houve uma experiência de fé (pais verdadeiramente convertidos entendem mais sobre as questões de fé) e houve uma ação em prol (pais que se dedicam a saber e conhecer).

Mas algumas iniciativas da liderança podem ser promotoras desta comunhão. Para começar, precisa-se entender os papéis de cada agente envolvido, e distribuí-los adequadamente. Os pais não terão dúvidas sobre o aprendizado do filho até o momento em que eles estiverem inseridos no processo. As dúvidas, por sua vez, se constituirão de oportunidades para estreitar os laços.

² JARDIM, A. P. **Relação entre família e escola**: proposta de ação no processo ensino aprendizagem. Presidente Prudente: Unoeste, 2006, p. 50.

³ BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **Revista Nova Escola**. Ano XVIII, nº 166, out. 2003, p. 38.

⁴ MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 14.

⁵ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994, p. 87-88.

⁶ ROTTMANN, Johannes H. **Se teu irmão pecar**: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980, p. 101.

Cabe primeiramente o desenvolvimento da “habilidade de reconhecer as habilidades especiais e as limitações dos outros, combinada com a capacidade de colocar cada pessoa no trabalho em que ela renderá o melhor possível”.⁷ A liderança da igreja dos dias atuais precisa ter a visão de Dwight L. Moody, que disse que “preferia colocar mil homens a trabalhar do que fazer o trabalho de mil homens”.⁸

Mas não basta apenas delegar, é preciso acompanhar, estender as mãos, motivar. O fato de se passar a responsabilidade não indica que o líder não tenha mais nada a ver com o projeto. Diante disso, percebe-se que há sempre a necessidade de manutenção. Encontros e contatos com as famílias servirão para que se conheça a realidade e se amplie as possibilidades de influência. Neste aspecto recomenda-se algumas atitudes da liderança para com as famílias e responsáveis:

- a) *Explicar claramente as expectativas.* Quando as pessoas têm plena clareza do porquê, elas se sentem parte do empreendimento, visualizando ao mesmo tempo a importância das tarefas que lhes foram outorgadas. Tire tempo para explicar, faça reuniões, envie bilhetes. Assegure-se que os pais sabem de tudo o que é o trabalho e onde querem chegar com cada iniciativa.⁹
- b) Possibilitar *treinamento.* Muitas vezes há uma enorme diversidade de talentos na família, porém poucos deles se encontram lapidados ao ponto de serem úteis para o trabalho. Treinar as pessoas representa demonstrar interesse pelo bem-estar pessoal como também pela Obra do Senhor. Os pais não fizeram curso para a sua missão, e esta lacuna pode ser explorada, oferecendo cursos, treinamentos, palestras, pregações, espaços para compartilhar, visando a capacitação daqueles que querem fazer mais pelos seus filhos.¹⁰
- c) *Abrir espaço para o compartilhar de ideias.* Não são apenas os líderes os grandes mentores do grupo. Deus deu a todos os seres humanos capacidade para pensar, e, portanto, as ideias de todos devem ser bem-vindas. Muitas vezes a pessoa que está de fora, olhando a situação, tem melhores ideias do que a que está envolvida diretamente no processo. Crie espaços como caixas de recados, permita o acesso pelas redes sociais, telefone, e outros canais onde os pais podem fazer sugestões. Eles se sentirão valorizados ao saber que seus pedidos foram atendidos.
- d) *Dar ênfase à presença de Deus.* Sem Deus qualquer trabalho estará seriamente comprometido, e, se tratando da Obra de Deus, pode-se afirmar com toda certeza, que não há possibilidades de êxito quando Deus não estiver presente. Pais e líderes precisam orar juntos.¹¹

Os líderes do ministério infantil não podem ser egoístas. A obra é do Senhor, o líder não é dono dela, e, devido a sua abrangência, o líder nem tem condições de realizá-la sozinho. Por isso, delegar tarefas é tão importante. Quando o líder cristão distribui tarefas, ele multiplica

⁷ SANDERS, J. Oswald. **Liderança espiritual.** Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Mundo Cristão, 1985, p. 123.

⁸ SANDERS, 1985, p. 123-127.

⁹ JUTILA, Craig. **Quatro princípios fundamentais para líderes de ministério infantil.** Tradução de Leila Eunice Apse Paes. São Paulo: Vida, 2004, p. 152-156.

¹⁰ SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja.** Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2003, p. 22-23.

¹¹ JUTILA, 2004, p. 152-156.

forças. Cabe ressaltar que essa delegação deve ser real, envolvendo mesmo os outros na tarefa, buscando formar uma equipe dinâmica e saudável, que em conjunto cresce no Senhor e faz a obra de Deus crescer.

A liderança precisa compreender as suas próprias limitações e entregar às mãos de outras pessoas capazes o que ela não consegue realizar.¹² Quando o líder delega poder, está formando uma *equipe*¹³, que funciona como um enorme cabo formado com muitos fios, que juntos se movem como se fossem apenas um (um propósito, objetivo), mas com força de muitos.¹⁴

Esta ideia está plenamente de acordo com a visão que Paulo tinha pela qual plantou igrejas. Ao retornar da primeira viagem missionária, ele passou pelas igrejas fundadas para “encorajar os convertidos *a permanecerem firmes na fé*”, bem como promover a eleição de presbíteros em cada local. Seu método com certeza foi baseado no trabalho em equipe, o que implicava na delegação de poder e responsabilidades.¹⁵

Para a formação desta parceria, que pode ser chamada de equipe, e que tem como propósito o desenvolvimento espiritual dos pequenos, algumas características são essenciais.¹⁶ Uma destas características é a *união*.

Podemos ser de diferentes culturas, ter gostos diferentes, viver sob diferentes regras internacionais e expressar personalidades tremendamente diferentes, mas porque somos todos afinados “com o mesmo tom” – o Espírito de Cristo em nós – temos unidade nele.¹⁷

Esta unidade que o próprio Espírito Santo produz é essencial para o bom andamento das atividades. Mas o ser humano é coparticipante desta união, sendo que cabe a ele buscar um real e profundo relacionamento com os demais envolvidos, o que irá fortalecer a união. Há a necessidade de se estar junto de verdade, e aí voltamos à comunhão!

A *flexibilidade para atender necessidades que mudam constantemente* é outra característica importante. Estamos tratando de vidas, e não existe uma receita exata a ser aplicada em todas as situações. O que deu certo com uma família não se torna padrão para a outra realidade. Os horários mudam e as necessidades também. Como os filhos crescem, esta interação entre pais e professores será significativa para que se avance nos aprofundamentos das lições e dos estímulos.

A *concentração* é mais uma característica marcante quando se ensina sobre Deus. Isso implica ter um alvo traçado, com objetivos claros, o qual conduz as pessoas para o propósito estabelecido, procurando de todas as formas evitar desvios no trajeto. Todos precisam saber aonde se quer chegar, qual o grande objetivo a ser alcançado espiritualmente na vida da família, para que todos se concentrem nas ações corretas e concretas.

¹² SANDERS, 1985, p. 123-127.

¹³ EQUIPE: conjunto de pessoas que se dedicam à realização de um mesmo trabalho. KOOGAN, A.; HOUAISS, A. Enciclopédia e dicionário digital, CD-ROM.

¹⁴ JUTILA, 2004, p. 139-143.

¹⁵ STOTT, 1994, p. 262.

¹⁶ JUTILA, 2004, p. 139-143.

¹⁷ JUTILA, 2004, p. 144-151.

Além disso, a *valorização mútua* é uma característica que legitima o trabalho. Demonstração de lealdade e confiabilidade são essenciais quando realmente se valoriza o próximo.¹⁸ Pais e líderes precisam se respeitar e estabelecer uma relação de carinho e confiança. Quando o filho vê que os pais ou responsáveis amam os líderes e que os líderes são tratados pelos pais como se fossem da família, ganha-se o coração da criança.

Precisa-se ter aqui o cuidado de não *lavar as mãos* simplesmente, deixando o ministério com crianças sem uma função específica. Distribuir tarefas não é simplesmente mandar outra pessoa fazer o serviço, mas requer dar a ela as condições necessárias para o cumprimento de sua tarefa. Isso traz sérias implicações tanto para a vida do líder como também para as famílias com quem se está compartilhando a tarefa.¹⁹

Naturalmente os pais não terão este contato com os líderes do ministério. Ele precisa ser construído e a iniciativa deve partir da própria liderança e comunidade. Nem sempre os pais se sentem à vontade para compartilhar, tem vezes que até se sentem *errados demais para conversar com os líderes*, e somente a aproximação intencional fará com que estas barreiras sejam quebradas, a comunhão estabelecida e um diálogo instalado.

2. TAREFAS DE CASA: UMA FORMA DE COMPLEMENTAR E APLICAR O CONTEÚDO APRENDIDO

Quase 70% dos brasileiros não supervisionam os deveres de casa das crianças e mais de 40% não sabe o que elas fazem no tempo livre. A falta de diálogo e o desinteresse dos pais pelas atividades dos filhos gera uma noção falsa da realidade, contribuindo para um ciclo vicioso... "Os pais não conversam com os filhos, não dialogam e o adolescente passa a agir escondido. Como ele não fala no assunto e esconde o que faz, os pais acham que está tudo bem. Cria-se um acordo silencioso entre as partes".²⁰

"O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal [...] Quando os pais iniciam uma parceria [...], o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e as aprendizagens na escola e em casa passam a se complementar".²¹

Fazer lições, atividades e tarefas em casa surgiu como uma forma de aproximação da escola da família. "Se nem todos os familiares responsáveis [...] podem [...] participar de reuniões, segundo queixas corriqueiras das professoras, a escola vai à casa via dever de casa, oferecendo-lhes a oportunidade de acompanharem os estudos dos filhos/filhas."²²

A tarefa como

¹⁸ JUTILA, 2004, p. 144-151.

¹⁹ SCHWARZ, 2003, p. 22.

²⁰ PRATEANO, Vanessa Fogaça, 19 jun. 2013. Pais não acompanham a rotina escolar dos filhos. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pais-nao-acompanham-a-rotina-escolar-dos-filhos-07i4uni15btw9oc1oas51dv0u/>. Acesso em: 13 set. 2022.

²¹ SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 167.

²² CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104. Jan/abril. 2004.

estratégia pedagógica tem múltiplas finalidades: estender o tempo de aprendizagem, completar a quantidade de matéria a ser dada numa jornada escolar insuficiente, conectar o trabalho de classe precedente e subsequente, treinar e reforçar habilidades, estimular hábitos de estudo independente, aplicar os conhecimentos acadêmicos à vida cotidiana, enriquecer o currículo ampliando as experiências de aprendizagem, informar os pais sobre as atividades da escola e conectar escola e família.²³

A grande desculpa para o não envolvimento nas atividades que a igreja indica para a semana é sempre o tempo, ou melhor, a falta dele. Os pais até consideram importante, mas preferem que tudo seja feito no domingo. Desta forma, além de não reforçarem o conteúdo em suas casas, passam a errada impressão de que as questões religiosas e Deus dizem respeito apenas à rotina de domingo. Durante a semana cada um faz o que bem entender.

Engraçado que os pais acham pertinente as tarefas de casa da escola e incentivam seus filhos a estudarem as matérias no final de semana inclusive, mas não se preocupam em ter o mesmo regramento com atividades espirituais propostas pelos líderes. Nota-se uma clara não iniciativa na questão do desenvolvimento espiritual quando ele cabe aos pais.

De fato, o tempo é algo precioso. Dizem até que *tempo é dinheiro*, logo, desperdiçar o tempo não é uma coisa saudável, nem para as finanças, nem para a vida social, nem para a vida espiritual, nem mesmo para a vida familiar. Há sempre a necessidade de vermos o tempo numa dimensão acima; ele é mais do que o simples suceder das horas e dos dias. O tempo representa momentos especiais que recebemos, e chamamos com carinho de presente, milésimos de segundos nos quais vivemos diante de Deus. Tirar este tempo para fazer algo com os filhos é uma profunda demonstração de amor, e a tarefa dos líderes do ministério é fazer os pais olharem para esta oportunidade que o ministério lhes dá de fazerem algo espiritual e ao mesmo tempo que implique na demonstração deste sentimento tão profundo.

Os gregos tinham medo do tempo. Viam o tempo como um ser sem piedade e voraz que consumia a vida de todos, levando-a ao fim. Nos tempos atuais temos a impressão de sermos atropelados pelo tempo também! A correria dos nossos dias nos impede de perceber e mesmo de viver a vida com inteireza. Nunca temos a sensação de estarmos plenamente presentes em lugar algum. Há sempre um compromisso, um encontro, uma atividade, uma ansiedade em espera, há sempre uma preocupação para daqui a pouco. Sem falar nas muitas metas que nos impomos ou que pesam sobre os nossos ombros. Coisas que devemos alcançar para, inclusive, justificar a nossa existência. Os que não são perseguidos pelo tempo, se encontram presos a ele, acorrentados ao passado, às coisas que já se foram, não existem mais. Outros ainda sofrem de ansiedade pelo tempo que virá, uma vez que temos tantas dúvidas sobre o amanhã.

O texto bíblico de Romanos 13.8-10 fala de uma verdade simples, mas extremamente essencial, de como investir bem o tempo:

Não fiquem devendo nada a ninguém. A única dívida que vocês devem ter é a de amar uns aos outros. Quem ama os outros está obedecendo à lei. Os seguintes mandamentos: “Não cometa adultério, não mate, não roube, não

²³ CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104. Jan/abril. 2004.

cobice” — esses e ainda outros mais são resumidos num mandamento só: “Ame os outros como você ama a você mesmo.” Quem ama os outros não faz mal a eles. Portanto, amar é obedecer a toda a lei.²⁴

Você já reparou quantas vezes a Bíblia fala sobre o amor ao próximo? Esta repetição do conceito e a ênfase dada por Jesus ao mesmo deve nos fazer notar a importância que ele tem para a vida cristã. Acredito que estamos aprendendo a amar os outros. Porém enquanto continuarmos vendo apenas o outro e dando o que podemos ter, não chegaremos à dimensão do amor ao próximo exigida por Jesus. Duas coisas que precisam ser consideradas aqui para compreensão disso:

1 – Amar os outros é amar a nós mesmos. O senso popular confunde amor ao próximo com amor romântico, amabilidade social e ou simpatia cordial no contexto da amizade. A Bíblia Sagrada, entretanto, considera o amor ao próximo um critério objetivo de relacionamento que transcende emoções, sentimentos e simpatias. Ele atinge uma dimensão espiritual dada por Deus.

Os filósofos judeus Rosenzweig, Buber e Levinás trataram dessa questão quando propuseram uma tradução alternativa para a expressão “como a ti mesmo” que compõe o mandamento de amar ao próximo. Disseram que o correto seria “ama a teu próximo, ele é como tu”, ou ainda “ama a teu próximo, pois tu mesmo é ele”. O teólogo alemão Franz Hinkelammert acrescenta a essas traduções uma outra decorrente das anteriores: “eu sou se você é”. Interdependência é a ideia por trás.²⁵

A tradição africana usa a expressão *ubuntu* para identificar essa tradução do princípio do amor ao próximo. *Ubuntu* pode ser traduzida mais ou menos como “sou o que sou pelo que nós somos”. Uma pessoa com *ubuntu* está aberta e disponível aos outros, não preocupada em julgar os outros como bons e maus, e tem consciência de que é diminuída quando seus semelhantes são diminuídos ou humilhados, torturados ou oprimidos”. Faz sentido dizer que uma pessoa com *ubuntu* também se reconhece honrada e respeitada em sua dignidade sempre que seus semelhantes assim são reconhecidos e respeitados.

Olhar corretamente para o próximo é não olhar como um outro em oposição, diferenciação e competição, pois “ele é como tu” e “tu mesmo é ele”, e assim como ele é somente quando você é, também você somente é quando ele é. Os pais precisam aprender que se seus filhos são, eles também são; investir nos filhos é investir em si mesmos.

2 – Amar os outros é doar de nós mesmos. O autor de Eclesiastes diz que há tempo para tudo. Tendo esta verdade em mente pode-se deduzir que os seres humanos também têm o seu tempo. Cada um vive o seu tempo e é aí que a dimensão do amor vai nos desafiar, pois “amar é viver o tempo do outro”. É diferente quando queremos, por interesse, que o outro viva o nosso tempo. Isso não é amor, é egoísmo. Amar é doação. Aquele que ama dá a sua vida, ou seja, o seu tempo à pessoa amada. De tudo o que doamos aos outros, somente uma coisa não podemos ter de volta: o tempo dedicado que personifica nossa vida doada.

²⁴ LIVE.CHUCH. **YouVersion**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/ROM.13.8-10.NTLH>. Acesso em: 23 mar. 2023.

²⁵ **EU sou se você é**, 31 mai. 2014. Disponível em: <https://guiame.com.br/amp/gospel/mundo-cristao/eu-sou-se-voce-e.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

Enquanto continuarmos dando o que podemos ter novamente não entendemos o que é amar de verdade.

Deus nos ensinou claramente esta forma de amar: Deus deixa de viver o Seu tempo para viver o nosso quando passa a habitar este mundo. Na encarnação Ele se vê como nós e vive o nosso tempo (Jo 13.34). Desenvolver as atividades de casa com os filhos é investir neles e ao mesmo tempo é doar do nosso próprio tempo, vivendo um pouco a vida deles.

Os pais não podem ser meros expectadores na vida espiritual de seus filhos. As atividades de casa são oportunidades de desenvolver a vida espiritual no lar. Além de tarefas sugeridas, as próprias atividades domésticas são formas de ensinar a Palavra de Deus. O texto de Provérbios 22.6 destaca: *“Eduque a criança no caminho em que deve andar, e até o fim da vida não se desviará dele”*.²⁶ Interessante que o texto não diz para os pais ensinarem sobre o caminho, mas enquanto estão no caminho. É no dia a dia, no contato, no convívio, nas tarefas de casa, que os filhos aprendem sobre Deus, sobre a Bíblia e a presença de Deus no lar. Os pais não podem ser omissos nos seus compromissos!

Conta-se que certa vez, na cidade de Esparta, na Grécia antiga, um embaixador veio visitar a cidade. O diplomata, ao chegar, não viu muros ao redor dela, ao contrário de outras cidades no país, e então perguntou a respeito. No dia seguinte, o rei levou o visitante para conhecer o exército da cidade, e, apontando para os soldados, disse: *“Veja senhor! Esse é o muro de Esparta! Cada homem que você vê é um tijolo”*.²⁷

Esta mesma percepção deve ser levada para as nossas casas: cada membro é um agente envolvido ativamente com o Reino de Deus. É muito fácil tornar-se um espectador e não mais um participante. É super fácil criticar, tornando-se um *“ativista de sofá”*. É muito fácil ver um jogo de futebol na TV e dizer *“eu nunca teria feito isso. Teria chutado e feito o gol ao invés de tentar um passe”*. Mas se você de fato está em campo, é outra história. São decisões tomadas em frações de segundos.

Gosto do que o ex-presidente americano Theodore Roosevelt disse: *“Não é a crítica que importa, nem a pessoa que aponta o dedo e diz que isso ou aquilo deveria ter sido feito. O crédito pertence a quem está na batalha, com o rosto cheio de suor, sangue e sujeira, que persiste bravamente, que erra, cai e levanta. Não existe esforço sem erro”*.²⁸ Quem merece o crédito é quem toma uma atitude e faz alguma coisa. E é isso que somos chamados a fazer.

Pais precisam lembrar que

Seus filhos não precisam de gigantes, precisam de seres humanos. Não precisam de executivos, médicos, empresários, administradores de empresa, mas de você, do jeito que você é. Adquira o hábito de abrir o seu coração

²⁶ LIVE.CHUCH. **YouVersion**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/PRO.22.6.NTLH>. Acesso em: 23 mar. 2023.

²⁷ HARVEST MINISTRIES WITH GREG LAURIE. **Devocionais diários**. Disponível em: <http://www.devocionaisdiarios.com/2017/07/>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁸ HARVEST MINISTRIES WITH GREG LAURIE. **Devocionais diários**. Disponível em: <http://www.devocionaisdiarios.com/2017/07/>. Acesso em: 15 set. 2022.

para os seus filhos e deixá-los registrar uma imagem excelente de sua personalidade.²⁹

3. CONVERSAR INTENCIONALMENTE SOBRE O QUE FOI APRENDIDO

Novamente toca-se no assunto da comunicação, mas agora com destaque a conversa familiar, que deve ocorrer entre pais e filhos.

Surgem, então, duas questões: o que é comunicar? E como comunicar-se? Comunicar é tornar comum, partilhar uma informação, uma mensagem, uma ideia ou mesmo um desejo. Gary Collins diz que a comunicação envolve o envio de mensagens verbais e não verbais. “Quando a mensagem verbal e a não verbal se contradizem (...) isso causa confusão e interrupção da comunicação.” E acrescenta que “a boa comunicação requer que a mensagem enviada seja idêntica à mensagem recebida”. Se um marido compra um presente porque ama a sua esposa, mas ela acha que ele não a ama porque nunca diz “eu te amo”, então ela começa a imaginar que ele comprou o presente porque se sente culpado de alguma coisa. Está havendo má comunicação aqui, porque a mensagem enviada não é a mensagem que está sendo recebida.³⁰

Quando se pensa na comunicação ativa, há sempre a necessidade de entender como as pessoas compreendem o que recebem, o que implica em conhecer o público-alvo ao qual se quer comunicar. “Essa informação determinará a linguagem, os símbolos, o vocabulário e as expressões usadas para que a comunicação seja recebida adequadamente e faça sentido. Se a mensagem não fizer sentido, não haverá comunicação.³¹

Compartilhar com o coração e refletindo sobre o peso das palavras e expressões utilizadas fará com que a comunicação seja efetiva. Muitas vezes as conversas dentro de casa são do tipo *Brainstorm*, expressão relacionada à palavra tempestade e que aponta para a forma tempestuosa e inconsequente de falar. Pode ser algo criativo, mas não é pensado o suficiente. E uma vez malconduzida, o estrago provocado por uma conversa pode ser irreversível. Por isso, seguem algumas dicas de como estabelecer conversas produtivas em família:

1. Gaste tempo meditando na maneira como irá transmitir uma informação. Veja a questão por ângulos distintos, pelo ponto de vista da outra parte, e avalie se o que você pensa contempla todos os aspectos da questão.
2. Escolha o momento adequado para falar. Quando o cônjuge chega cansado do trabalho não é a melhor hora para falar de problemas cotidianos.
3. Escolha palavras certas e precisas. Seja econômico, sem omitir informações. Algumas palavras, dependendo da situação, podem parecer ofensivas ou provocantes.
4. Convide a pessoa (cônjuge ou filho) para a conversa. Pergunte se está disposto a tratar de determinado assunto naquela hora e

²⁹ CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003, p. 26.

³⁰ COLLINS, Gary *apud* PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. **Lar Cristão**, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

³¹ PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. **Lar Cristão**, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

sentem-se para conversar. Faça daquele momento a prioridade, deixando de lado outras atividades que estiverem fazendo. Valorize aquele momento. 5. Certifique-se de que foi compreendido. Depois de falar, pergunte se a pessoa entendeu e se é assim que ela pensa. 6. Saiba ouvir. Dê oportunidade para a outra pessoa expressar suas impressões e argumentar. Muitas vezes não vemos todos os elementos que envolvem determinada questão e podemos ser surpreendidos com uma melhor abordagem de um problema. 7. Faça follow up. Quando aquilo que foi conversado e combinado acontecer, recorde seu cônjuge ou seu filho de quando elaboraram aquela estratégia, de quando planejaram fazer determinada coisa e vivam a alegria de ter alcançado os objetivos propostos. Isso fortalecerá e dará mais espaço para que a comunicação seja mais valorizada no relacionamento diário.³²

Quando se pensa em comunicação, é preciso levar em conta outras dimensões também, que vão além da fala.

A ação é parte inerente do ser humano. Agir é como a nossa respiração, é um ato fundamental à sobrevivência e até involuntário, pois o fato de não agir é, por si só, uma ação de inércia. A comunicação também é uma ação, mas é uma ação de transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra mensagem como resposta. Sabendo que a ação é algo constante em nossa vida, vamos ver neste artigo como a ação comunica algo, seja com palavras, seja sem palavras. Eu sei que todas as vezes que pensamos em comunicação pensamos em palavras, mas quero mostrar a você a importância de se comunicar com o corpo e com as ações, mesmo que palavras sejam expressas nessas ocasiões, pois as pessoas captam o que falamos da seguinte forma: 7% da comunicação seria atribuída ao componente verbal (seu significado), 38% ao componente vocal (no caso específico, o tom da voz) e 55% ao componente facial (expressão do rosto).³³

Muitas vezes a comunicação não é efetiva porque menosprezamos quem participa dela. *Coisa de criança!* Expressão usada geralmente de forma pejorativa, numa conotação de uma atitude que não convém mais com a idade de quem a pratica. Olhamos para os filhos e os vemos apenas como crianças, numa ideia de miniadultos e, conseqüentemente, eles recebem parte da atenção apenas.

Mas tem muita coisa de criança que é uma maravilha (nós adultos gostamos, mas não damos o braço a torcer): sair da rotina, misturar comidas e descobrir sabores, sentir texturas diferentes, tomar banho de chuva... Por onde Jesus passava era possível ver crianças correndo em volta e se misturando na multidão. Os discípulos tentaram impedir que as crianças se amontoassem no colo de Jesus. Achavam que Jesus tinha coisa mais importante para fazer do que dar atenção às crianças, mas acabaram descobrindo que não apenas as crianças gostavam de Jesus, mas Jesus também gostava das crianças. Numa dessas ocasiões, Jesus pegou uma criança no colo e deixou muito claro que quem não se torna igual a uma criança não pode entrar no Reino dos Céus, pois o Reino dos Céus pertence aos que são semelhantes às crianças

³² PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. *Lar Cristão*, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

³³ AÇÃO, comunicAÇÃO e transformAÇÃO. *Lar Cristão*, Edição 157, jul./ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2017/08/21/ação-comunicação-e-transformação>. Acesso em: 14 set. 2022.

(Mt 18.1-5; 19.13-15). Naquele dia as crianças se tornaram um padrão para a espiritualidade cristã.

Evidentemente Jesus não pretendia que nos tornássemos iguais às crianças em todas as dimensões da infância (1Co 14.20). As crianças, por exemplo, não sabem o que é a gratidão, pois não têm noções de medidas abstratas. Não têm condições de avaliar o que é feito por elas, não sabem quanto sacrifício é necessário para que sejam cuidadas e não têm critérios para os custos da dedicação dos pais ou o valor das coisas que são oferecidas a elas. Por isso é que os pais vivem dizendo *“diz obrigado para a titia”, “já disse obrigado para o vovô?”*, pois se não o fizessem, as crianças simplesmente pegariam o presente e sairiam correndo para brincar. As crianças também não têm noções de tempo, distância e volume. Por isso é que usam palitos de fósforo para marcar quantos dias faltam para o aniversário, numa viagem longa perguntam de cinco em cinco minutos se chegamos, e ao falar de amor, mostram com as mãos certa medida e dizem *“papai, eu te amo desse tamanho assim”*.

As crianças também estão absolutamente fora das categorias sociais de valores e importância. Tratam o general com a mesma displicência com que tratam o zelador do prédio onde moram, e agem de forma inusitada quando algum adulto pretende conquistar sua simpatia, deixando os pais constrangidos. Elas não sabem quem é importante e quem não é. Elas ainda não foram contaminadas com os paradigmas do mercado, que valoriza as pessoas de acordo com posição social, conta bancária, ou potencial de favorecimento e trocas de favores. Não fazem a menor ideia, por exemplo, de que é preciso um sorriso de plástico para demonstrar especial apreço ao chefe que veio para o jantar. Isso significa que uma criança jamais perguntaria para Jesus *“quem é o mais importante no reino dos céus?”*, pois não lhes passa pela cabeça que um ser humano pode ser maior ou menor do que o outro em termos de valor intrínseco.

A exortação de Jesus aos seus discípulos sublinha exatamente esses traços próprios das crianças: o absoluto despojamento das disputas de poder e a absoluta ignorância a respeito das hierarquias que separam os seres humanos uns dos outros. Como seria o mundo se todos tivéssemos o coração das crianças? Teríamos breves desentendimentos, logo seguidos de um enxugar de lágrimas e a correria reiniciada rumo à próxima brincadeira. Haveria mais cooperação e menos competição, mais perdão e menos ressentimento e ódio, mais partilha e menos acúmulo, mais brincadeira e menos agressões, mais amores e menores dores. O rabino Harold Kushner disse que as crianças perdoam rápido, e se reconciliam na velocidade da luz, pois *“preferem ser felizes a ter razão”*. São simples, e humildes, não se constrangem com vitórias e derrotas, pois não competem, apenas brincam. Não estão no jogo de *“quem é o maior e quem é o menor”*.³⁴

Mas os pais erram exatamente por fazer o contrário: menosprezam as suas experiências e vivências; dão pouca atenção aos seus ensinamentos e repercutem pouco as suas convicções. Nenhum adulto segue uma conversa quando percebe que não é verdadeiramente ouvido, mas os pais muitas vezes induzem seus filhos a este sacrifício. Elas falam, mas não são ouvidas.

³⁴ **UM reino para gente com coração de criança.** Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/ed-rene-kivitz/um-reino-para-gente-com-coracao-de-crianca.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Talvez nossa falta de diálogo esteja exatamente no fato de acharmos que não podemos aprender com nossos filhos.

É importante que os pais, intencionalmente, com tempo e com qualidade de escuta, ouçam dos seus filhos sobre seus aprendizados e construam sobre eles. Pais precisam conseguir se comunicar com seus filhos sobre o que sabem, o que estão aprendendo e a relação que fazem entre este conhecimento e a sua vida prática. A parábola dos filhos perdidos (Lc 15.11-32) traz lições importantes para pais que querem continuar o aprendizado da igreja em suas casas, aplicando conhecimentos à vida dos filhos, através da simples atitude de ouvi-los. Estes pais precisam ser:

1. Pais acessíveis – “tanto o filho mais novo quanto o mais velho tiveram acesso a seu pai. Ambos chegaram com notícias ruins. O mais novo pediu sua herança. O mais velho não estava pronto para receber seu irmão de volta e questionou o que seu pai estava fazendo”.³⁵ Mas o grande destaque não recai ao que pedem, mas à liberdade que tem em pedir qualquer coisa, mesmo sabendo que iria contrariar os desejos do seu pai. Este pai era extremamente acessível. Será que as crianças de nossos ministérios teriam a mesma audácia/ousadia ao conversar com os seus pais? Os pais estão dispostos a ouvir qualquer coisa, mesmo que para eles pareça bobagem?

2. Pais que enxergam longe – “Quando um(a) filho(a) não diz tudo ou mesmo se expressa mal, cabe aos pais discernir com clareza o que ele(a) tem a dizer. Quando o filho caçula pediu sua herança, o que o pai fez? Ele simplesmente lhe deu.”³⁶ As experiências de vida do pai e o conhecimento que tinha do filho lhe davam a certeza de que seu caçula não usaria com sabedoria o que iria receber, mas que esta experiência seria um aprendizado para a vida toda, mudando completamente a sua percepção. Este filho se tornou um verdadeiro filho ao voltar. Este pai viu muito mais do que o filho conseguia enxergar naquele momento. As falas dizem mais do que as meras palavras parecem externar. Quando os pais conseguem ouvir seus pequenos com uma percepção aguçada, anteveem os efeitos das percepções que os pequenos têm daquilo que aprendem.

3. Pais prontos a perdoar – “Toda pessoa sempre corre o risco de desapontar seu amigo. E quando o filho mais novo retornou, o pai, que deveria estar ofendido, fez uma festa para ele. O filho estava arrependido, e o pai estava pronto para perdoar!”³⁷ Quando os filhos não entendem o perdão irrestrito dos seus pais, eles escondem seus erros e não permitem a correção de suas vidas.

4. Pais atenciosos – “O irmão mais velho sentiu-se desprezado. Ele ficou irado com seu pai e com o retorno de seu irmão. O pai não o censurou, não gritou com seu filho, não disse

³⁵ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

³⁶ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

³⁷ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

para ele crescer e virar homem. O pai o amou!”³⁸ Mesmo errado, ele teve a atenção de seu pai para ajudá-lo a mudar a sua perspectiva.

Caso você tenha mais de um filho, é importante ter um momento na semana, pelo menos, que você possa falar com cada um em particular. Escutar o seu coração e ministrar na vida deles, aconselhando em amor, com os princípios da Palavra de Deus. Isso é viver a vida devocional na prática, por meio da qual eles entendem que o que leem e escutam tem de ser vivido na vida cotidiana. Se não há um assunto específico em que se possa aplicar um ensinamento, podemos ensiná-los a orar e serem agradecidos por tudo o que aconteceu naquele dia. A gratidão é uma virtude a ser aprendida. Com essas posturas, a fé dos nossos filhos cresce a cada dia e é firmada pelas experiências que vão vivendo com a Palavra de Deus. O Senhor passa a ser uma experiência real e individual na vida de cada um deles.³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Crianças conseguem compreender o Evangelho e estão num momento de suas vidas em que podem tomar decisões conscientes, desde que devidamente acompanhadas. A maior parte de sua rotina se estabelece em casa e algumas implicações desafiadoras se apresentam aqui: quanto tempo os pais permitem que estejam em casa? Muitos enchem a rotina de seus filhos com inúmeras atividades, ao ponto de quase não estarem em casa. Crianças precisam estar em casa! Seguindo, deste tempo que passam em casa, quanto os pais efetivamente estão presentes e com o propósito de ensinar? Muitos pais passam o tempo longe, tanto quando estão fora de casa, quanto quando estão em casa. Não basta estar fisicamente presente.

Precisa-se repensar a família e entender que os princípios da Palavra de Deus são ensinados através dela, uma vez que é a família que exerce a maior influência sobre a vida das crianças e é também o lugar onde as crianças mais estão. Se os pais entenderem isso, as chances de formarmos outros cristãos verdadeiros são multiplicadas. Agora, quando a espiritualidade no lar é negligenciada, há grandes chances da próxima geração a rejeitar completamente!

Em sua tarefa de ensinar é imprescindível que os pais acompanhem o ministério com crianças de sua igreja e, ao chegar em casa, as lições aprendidas são novamente enfatizadas através de conversas intencionais que buscam aplicar de forma pessoal a Palavra de Deus e através de diversas atividades familiares que revisam o que foi estudado. A casa deve estar conectada com a igreja para que o trabalho seja complementar.

³⁸ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

³⁹ MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

REFERÊNCIAS

AÇÃO, comunicAÇÃO e transformAÇÃO. **Lar Cristão**, Edição 157, jul./ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2017/08/21/ação-comunicação-e-transformação>. Acesso em: 14 set. 2022.

BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **Revista Nova Escola**. Ano XVIII, nº 166, out. 2003.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104. Jan/abril. 2004.

COLLINS, Gary *apud* PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. **Lar Cristão**, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 3.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

EU sou se você é, 31 mai. 2014. Disponível em: <https://guiame.com.br/amp/gospel/mundo-cristao/eu-sou-se-voce-e.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

HARVEST MINISTRIES WITH GREG LAURIE. **Devocionais diários**. Disponível em: <http://www.devocionaisdiarios.com/2017/07/>. Acesso em: 15 set. 2022.

JARDIM, A. P. **Relação entre família e escola**: proposta de ação no processo ensino aprendizagem. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

JUTILA, Craig. **Quatro princípios fundamentais para líderes de ministério infantil**. Tradução de Leila Eunice Apse Paes. São Paulo: Vida, 2004.

KOOGAN, André; HOUAISS, Antônio (edit). **Enciclopédia e dicionário digital 98**. São Paulo: Estadão, 1998. CD-ROM.

LIVE.CHUCH. **YouVersion**. <https://www.bible.com/pt/bible/211/PRO.22.6.NTLH>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LIVE.CHUCH. **YouVersion**. <https://www.bible.com/pt/bible/211/ROM.13.8-10.NTLH>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MÃE, que tal discipular seus filhos? **Revista Lar Cristão**, ed. 166, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2019/01/31/mãe-que-tal-discipular-seus-filhos>. Acesso em: 15 set. 2022.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

PAGANELLI, Magno. A construção da comunicação. **Lar Cristão**, Edição 177, set/out 2021. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/a-construção-da-comunicação>. Acesso em: 14 set. 2022.

PRATEANO, Vanessa Fogaça, 19 jun. 2013. Pais não acompanham a rotina escolar dos filhos. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pais-nao-acompanham-a-rotina-escolar-dos-filhos-07i4uni15btw9oc1oas51dv0u/>. Acesso em: 13 set. 2022.

ROTTMANN, Johannes H. **Se teu irmão pecar**: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980.

SANDERS, J. Oswald. **Liderança espiritual**. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja**. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2003.

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994.

UM reino para gente com coração de criança. Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/ed-rene-kivitz/um-reino-para-gente-com-coracao-de-crianca.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.